

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**LICENCIATURA EM TEATRO**

**A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS TEATRAIS COMO UMA PROPOSTA PARA  
O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO  
FUNDAMENTAL INSTITUTO SANTA JULIANA**

**Antonia Maria de Queiroz Costa.**

**SENA MADUREIRA**

**2014**

**ANTONIA MARIA DE QUEIROZ COSTA**

**A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS TEATRAIS COMO UMA PROPOSTA PARA  
O ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO  
FUNDAMENTAL INSTITUTO SANTA JULIANA**

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Teatro, do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientador (a) Prof.(a) Ms.(a) Joana Abreu Pereira de Oliveira.

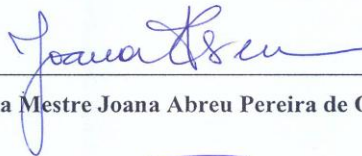
“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”  
**(Paulo Freire)**

ANTONIA MARIA DE QUEIROZ COSTA

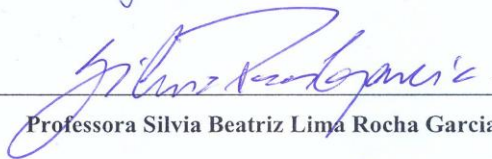
**A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS TEATRAIS COMO UMA PROPOSTA PARA O  
ENSINO DO TEATRO NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL  
INSTITUTO SANTA JULIANA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado à UnB – Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas – CEN, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro, com nota final igual a MM, sob a orientação da Professora Mestre Joana Abreu Pereira de Oliveira.

Sena Madureira-AC, 26 de novembro de 2014.



Professora Mestre Joana Abreu Pereira de Oliveira



Professora Silvia Beatriz Lima Rocha Garcia



Professor Mestre Rodrigo Desider Fischer

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a toda minha família,  
em especial meus falecidos pais, Dora e  
Januário.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus, a todos os professores e tutores que passaram por esta jornada, à coordenadora do Cedup Francisca Almeida e à tutora Itamar Isídio, parceiras nestes quase quatro anos, e à equipe Ead-Unb, em especial minha orientadora Joana Abreu.

Agradeço cada membro da minha família, filhos, irmãos, sobrinhos e neta.

Cada aluno que pude ajudar a construir conhecimento ao longo de minha prática profissional, contribuindo para a pessoa e profissional que sou.

Agradeço à Universidade de Brasília pela oportunidade.

## RESUMO

Este trabalho foi realizado visando constatar as possibilidades de ensino de teatro utilizando jogos teatrais com uma turma da escola Santa Juliana, em Sena Madureira, motivando a prática teatral dentro e fora da escola, buscando novos pontos de vista e outras maneiras de compreender o mundo, por meio de uma proposta ainda desconhecida na maioria das escolas senamadureirenses. Para tal, foram realizadas oficinas baseadas nos jogos de Augusto Boal, aplicadas em duas etapas, a primeira em 2012 e a segunda como complementação da experiência, em 2014, em turma na qual a pesquisadora já é docente. Os resultados alcançados apontam para o reconhecimento dos benefícios dos jogos teatrais para a formação de crianças e jovens, incentivando a pesquisa na busca pela valorização da disciplina Teatro na grade curricular das escolas locais, contribuindo com Sena Madureira nesse sentido.

**Palavras-Chaves:** Teatro, Jogos Teatrais e Arte – educação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I: DEFININDO O CONTEXTO DA PESQUISA.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 Aspectos Metodológicos.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2 Aspectos Conceituais.....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 O Contexto da Instituição Pesquisada.....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO II: A REALIZAÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 As Oficinas Aplicadas.....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 A Responsabilidade do Professor de Teatro.....</b>	<b>29</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>33</b>



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados obtidos por meio de um projeto de implementação de jogos teatrais na Escola Estadual de Ensino Fundamental Instituto Santa Juliana, no 6º ano "A", trazendo possíveis contribuições do teatro, por meio dos jogos teatrais para a referida turma, contemplando não apenas crianças desvontas e desinibidas, mas toda a classe em um trabalho que estimula a participação.

O objetivo foi ajudar o aluno a compreender a importância do teatro em nossas vidas, haja vista que a prática teatral tem sua importância pela grande contribuição ao desenvolvimento e formação da personalidade de um indivíduo. Mais especificamente em relação aos jogos teatrais, buscava-se que os alunos aprendessem a respeitar os participantes e conviver com as regras impostas, além de promover uma reflexão acerca das questões vivenciadas nos jogos.

O trabalho foi realizado em oito oficinas, com uma hora de duração cada, sendo 04 oficinas em setembro de 2012 e outras quatro oficinas entre outubro e novembro de 2014 sempre levando até a sala de aula jogos da obra de Augusto Boal.

A motivação para este trabalho veio por acreditar que o teatro, por meio dos jogos teatrais, possibilita ao professor uma relação mais próxima e humana com seus alunos além de ser um excelente difusor de cultura, lazer e educação. Esse instrumental de trabalho faz a diferença para mim, pois, ao longo da minha graduação, as experiências mais prazerosas vieram do contato com os jogos teatrais. Por isso, quis constatar que tipo de emoções e experiências meus alunos também iriam experimentar por meio deles.

Os jogos fazem parte da vida das pessoas desde a antiguidade e, ao longo do tempo, vêm mantendo seu espaço. No caso do teatro, por trabalhar várias habilidades, despertam o interesse pela linguagem, buscando o lúdico em cada participante. Os jogos teatrais no contexto escolar funcionam tanto como elemento pedagógico, como de diversão, sugerindo diversas práticas lúdicas facilitadoras do ensino-aprendizagem.

Para Boal, "os jogos tratam da expressividade dos corpos como emissores e receptores de mensagem. Os jogos são um diálogo, exigem um interlocutor, são extroversão" (BOAL, 1998, p.87). Os jogos possibilitam que o educador leve aos seus

educandos um conhecimento diversificado, de modo que o próprio aluno possa construir conhecimentos por meio dessa nova atividade desenvolvida em grupo.

O trabalho desenvolveu-se com base em aspectos metodológicos e conceituais, que apoiaram a utilização dos jogos teatrais na escola Santa Juliana para a realização destas 08 oficinas. Foram realizadas também conversas com os professores de Artes da Escola, diretora, e ainda alguns pais e alunos, além de uma visita ao Padre Paolino, figura fundamental no histórico da escola, e pesquisas sobre a instituição.

Foram levantadas questões como: Quais elementos os jogos teatrais apresentam que conseguem envolver seus participantes? É possível aprender teatro por meio dos jogos teatrais? Qual a função dos jogos teatrais para o teatro e para a arte-educação?

Por fim, este trabalho está organizado em dois capítulos, o primeiro, conceitual e metodológico, dialogando com alguns autores como Boal, Barbosa, Japiassu, Kishimoto entre outros, e o segundo capítulo apresentando a prática e a análise dos dados coletados e obtidos.

Embasada nas obras de Augusto Boal, que através de seu trabalho contribuiu para que o jogo teatral passasse a fazer parte do cotidiano da sala de aula, e Paulo Freire pelas relevantes obras em conformidade com este trabalho como *A pedagogia do oprimido* e as lutas pela qualidade da educação brasileira, trabalhei de modo que fosse alcançado um reconhecimento da contribuição dos jogos teatrais para a educação naquela classe, que desconhecia os jogos desenvolvidos e o teatro como arte-educação.

## 1. DEFININDO O CONTEXTO DA PESQUISA

### 1.1 Aspectos metodológicos

A metodologia utilizada com os alunos do 6º ano “A” da escola estadual de Ensino Fundamental do Instituto Santa Juliana visou proporcionar o contato com a linguagem teatral, despertando interesse por vivenciar, por meio dos jogos teatrais, uma atividade prazerosa e educativa.

Pretendia-se neste trabalho realizar oficinas de jogos teatrais com a turma em questão para que as crianças tivessem contato com o fazer teatral por meio dos jogos, para que houvesse contato entre as crianças de diferentes idades em um mesmo espaço e que compreendessem situações-problema, experimentassem novas situações e assim pudessem refletir trazendo esse aprendizado para suas vidas.

Os jogos utilizados na oficina aplicada foram todos da obra de Augusto Boal, *Jogos Para Atores e Não Atores* (1998): Máscaras (p.115) O camelo (p.105), Demônio (p.110), O espelho (p.173), Dança das cadeiras (p.100), Jogo de bolas (imaginário p.187), Panela de Pressão (p.149), Massagem de costas (p.110), Ondas do Mar (p.108), Dança com Maçãs (p.114), O caranguejo (p.104), O macaco (p.104), Andar de quatro (p.105), Passo do elefante (p.105), Passo do canguru (p.105). Escolhi esses jogos pois acredito que estavam adequados para a faixa etária dos alunos e para os objetivos que pretendia alcançar, desenvolvendo a união em grupo, dando início a uma reflexão, por parte do aluno, sobre seu papel na sociedade e ainda encorajando-o a experimentar o novo.

O trabalho de Boal é direcionado a todas as pessoas interessadas pelo teatro, e seus jogos podem ser utilizados para diferentes fins, trabalho social, político, artístico e terapêutico. Sua contribuição vai além da preparação de um ator, promove ensaios para a vida real. Boal, através de sua obra, nos revelou a valorosa importância social do teatro na educação, através de inúmeras situações de aprendizagem, onde os alunos interagem com o outro e com o meio.

Sua obra trabalha cultura, sociedade e indivíduo, relação entre ator e espectador, situações da vida exposta à nossa frente, buscando desta maneira contribuir para que os participantes se tornem cidadãos críticos e participativos, sensíveis à linguagem teatral.

Para Boal (1989), os jogos reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, e liberdade criativa, sem a qual a vida se transforma em servil obediência.

Augusto Boal foi também diretor e dramaturgo, uma das maiores referências do Teatro no mundo, com dezena de livros publicados, e entre estes, *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* e *Arco-íris do desejo*.

A metodologia para aplicação das oficinas se deu da seguinte forma: Inicialmente fiz uma explicação de como se daria todo o processo das aulas, bem como a apresentação das regras e dos jogos, falando um pouco da vida e obra de Augusto Boal, o porque de eu estar com eles naquele momento, o que pretendia com as oficinas, a fim de que todos compreendessem claramente as atividades teatrais e objetivos, como ainda uma breve explicação sobre o que é um jogo teatral para que os alunos compreendessem o que estariam realizando, bem como quais eram os objetivos dos jogos.

Como o teatro é uma arte coletiva, priorizei, ao longo das atividades, que os alunos compreendessem que precisam aprender a se relacionar com diversas pessoas, inclusive aquelas de que não gostam muito, ou com as quais não se sentem tão à vontade. Ao longo dos jogos, vi que os alunos estavam mais acessíveis uns aos outros, isso se reflete na vida familiar, escolar, entre outros aspectos. Foi através de jogos que trabalhei esses elementos.

Durante as oficinas, outra grande prioridade era oferecer nas aulas a oportunidade de buscar conhecer o outro, isso nos ajuda a conhecer melhor a nós mesmos, a definir nossa identidade, o público que trabalhei são pré-adolescentes na fase da construção de sua identidade, seu caráter, suas opiniões, isso é outro aspecto que foi muito relevante neste trabalho e construído na medida em que os alunos interagiam entre si, e consigo mesmos.

As características relacionadas com a compreensão da linguagem teatral que pretendi trabalhar foram estimular a concentração dos alunos por meio do jogo teatral; despertar o interesse pelo teatro por meio dos jogos; oferecer jogos que visassem reduzir a timidez e o medo de expressar os seus pensamentos; estimular a habilidade expressar a criatividade, o vocabulário e a atenção. Desenvolver a concentração e a criatividade com rapidez, como fazemos no improviso.

Como uma metodologia específica para aulas de teatro, organizei uma base de três jogos por oficina, pois cada uma tinha uma hora de duração, e sempre ao iniciar e

terminar os jogos conversávamos bastante, explicando o que eu pretendia e socializando após as atividades as sensações dos alunos naqueles momentos.

A pesquisa foi organizada com foco nas oficinas, mas também muita leitura a cerca do tema em questão, para embasar e orientar o trabalho na sala de aula e a elaboração da monografia. As aulas foram registradas por meio de anotações e fotografias, analisando também as evoluções das oficinas dia após dia.

## 1.2 Aspectos Conceituais

Em meu exercício de 22 anos como docente da rede estadual de ensino, e ainda na faculdade de pedagogia, estudei sucintamente que o jogo faz parte de nossas vidas desde a antiguidade, e que desde a idade média a importância do jogo e do brinquedo vem sendo considerada na construção da personalidade e desenvolvimento do indivíduo. Nessa trajetória, pude observar também que os jogos teatrais vêm, cada vez mais, conquistando seu espaço e reconhecimento na educação. Sobre o jogo, Huizinga aponta:

A existência do jogo é inegável. É possível negar, se quiser, quase todas as abstrações: a justiça, a beleza, o bom, Deus. É possível negar a seriedade, mas não o jogo.[...] A vida social reveste-se de formas suprabiológicas, que lhes conferem uma dignidade superior sob a forma de jogo, e é através desde último que a sociedade exprime a interpretação da vida e do mundo. (HUIZINGA, 2002, p. 128)

Ainda sobre o jogo e sua relevância, Huizinga, aponta que:

O jogo é mais antigo do que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições mais rigorosas, pressupõe, sempre a sociedade humana; mas, os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica [...] os animais brincam tal como os homens. Bastará que observemos os cachorrinhos para constatar que em suas alegres evoluções, encontram-se presentes todos os elementos essenciais do jogo humano. Convidam-se uns aos outros para brincar mediante um certo ritual de atitudes e gestos. Respeitam a regra que os proíbe de morderem, pelo menos com violência, a orelha do próximo. Fingem ficar zangados e, o que é mais importante, eles, em tudo isto, experimentam evidentemente imenso prazer e divertimento. (HUIZINGA, 2002, p.128)

Desta forma, Huizinga evidencia o reconhecimento dos jogos em um processo que proporciona ao aluno conhecer a si mesmo e socializar-se com o outro.

Os jogos teatrais colaboram com o desenvolvimento da aprendizagem sobre o mundo para os alunos, desempenhando um papel importante nas relações sociais. Um

dos fatores que me fez escolher trabalhar os jogos foi a possibilidade de trabalhar dificuldades do ser humano, amizades, relacionamento, dificuldades de comunicação, entre outros.

Acredito na importância dos jogos teatrais por ser uma maneira do educando se comunicar com o mundo, através do relacionamento com os demais, das descobertas, dos ensaios para a vida que o jogo proporciona, por divertir e aprender e a vencer limitações e obstáculos, como a timidez, por exemplo.

Uma das definições mais utilizadas para Jogos Teatrais é a designação dos jogos improvisacionais desenvolvida pela diretora teatral norte-americana Viola Spolin (1992), para fins de preparação de atores profissionais ou na utilização do teatro para iniciantes ou mesmo nas atividades escolares. Segundo a autora, não é qualquer jogo que é um jogo teatral, para tanto é necessário que o mesmo tenha um foco específico, desenvolvido a partir de instruções e regras que levam o jogador a aprender formas da arte teatral.

Foi constatado por autores como Augusto Boal (1998), Ingrid Koudela (2008) e Ricardo Japiassu (1998) que os jogos teatrais podem trabalhar diversas potencialidades nos educandos. No município de Sena Madureira - Acre, observei que o teatro e os jogos, na escola em que trabalho, parecem ser sinônimo de “teatrinho” e brincadeiras recreativas, com a função de divertir e nada mais que isso, de acordo com o entendimento de alguns professores desinformados. Falta conhecimento sobre essa antiga arte, o teatro, incluindo os jogos teatrais, a preparação do ator e do formação do cidadão.

Sobre o ensino da arte, Ana Mae Barbosa, afirma:

Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é o conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2005, p.4)

Nós arte-educadores podemos ajudar a desconstruir essa ideia de que jogos e o teatro de maneira geral são somente brincadeira, recreação ou teatrinho, difundida por quem infelizmente não pôde ter acesso a esses elementos que exprimem sensações novas em quem pratica e cada vez mais conquistam quem conhece.

Durante os quatro estágios realizados ao longo da minha graduação, trabalhei por escolha própria, em todos eles, com os jogos teatrais, com diferentes públicos e

pude perceber, em cada um deles, as contribuições dos jogos para a educação, seja no Ensino Fundamental, Médio ou no Programa Projovem Adolescente<sup>1</sup>, por exemplo.

Para Boal, teatro é “a arte de nos vermos a nós mesmos, a arte de nos vermos vendo!” (BOAL, 2008, p.20). Os jogos produzem conhecimento, exprimem situações novas e trabalham noções como respeito e aceitação de regras, em todas as idades, com todos os públicos, alcançando sempre êxito, fazendo os alunos vivenciarem as mais diversas situações e perceberem a si e ao outro.

Constatei, ao longo das oficinas aplicadas, que o teatro é linguagem fundamental no processo de formação do indivíduo, por proporcionar conquistas que analisei ao longo das oficinas, por exemplo: aumenta a autoestima, melhora a timidez, aprimora habilidade de relacionar-se com os outros, faz com que os alunos se conheçam mais e desenvolve a consciência corporal, tudo isso pude observar ao longo das oficinas, por exemplo, no entrosamento entre meninas e meninos, na desenvoltura em realizar jogos que antes os deixavam envergonhados, mas nos quais, logo na segunda oficina, já se via um avanço e pré-disposição em participar dos jogos desenvolvidos, No jogo *Massagem de costas*, meninos e meninas sentaram-se próximos e massagearam uns aos outros com muito cuidado e sem nenhum problema, isso foi muito significativo.



Aquecendo antes do jogo, massagem de costas.

---

<sup>1</sup> O projovem é um serviço sócio educativo para jovens de 15 a 18 anos cujo os pais recebem bolsa família, moradores de bairros periféricos e em situação de risco pessoal ou social.

Por isso afirmo que Teatro tem tanta importância como as outras disciplinas e que exige de nós educadores uma qualificação e permanente atualização para ensinar e trabalhar contribuindo para a formação dos cidadãos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que:

Houve grande esforço por parte dos arte-educadores para que a arte se tornasse um componente curricular obrigatório e tivesse seu espaço garantido pelas autoridades na educação brasileira. A luta não foi perdida, na Lei nº9.394-96 (artigo 26, parágrafo 2º), revogou-se as disposições anteriores e a arte passa a ser considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 1997, p.28)

O teatro é uma linguagem de expressão que permite o relacionamento com outras pessoas, e não somente consigo mesmo, por promover ações em grupo. Por este motivo, entre outros, ressaltamos a importância de trabalhar o mesmo desde a Educação Infantil. O Referencial Curricular do Estado do Acre (2002) aponta que é possível identificar no ensino do teatro funções fundamentais, presentes em diferentes graus: representativas, lúdicas e comunicativas, por exemplo.

O fato de representarmos desenvolve as capacidades cognitivas, porque requer um descentramento da situação e dos objetos. A função comunicativa e a função representativa estão estreitamente vinculadas; podemos nos comunicar porque compartilhamos com as outras pessoas os traços das nossas representações.

Já a função lúdico-criativa, mesmo no Ensino Médio, é importante no processo de aprendizagem e desenvolvimento. O ato de jogar imita situações vividas, desenvolve, faz trocar experiências diversas e estabelece relações entre o aluno e o meio em que está inserido.

A função comunicativa é um elemento de interação com o ambiente social, cultural e físico, algo extremamente importante para ser trabalhado com pré-adolescentes em meio a esta fase complicada de descoberta de si próprio. Um meio rico em linguagem não é suficiente por si próprio, é necessário entender as mensagens e os códigos que estão sendo usados para transmitir, e isso é algo que deve ser trabalhado desde a educação infantil para dar resultado na vida adulta.

Segundo Japiassu (1996), os jogos teatrais são procedimentos lúdicos com regras explícitas, onde o grupo se divide em “times” que se alternam nas funções de jogadores e de público.



A aplicação dos jogos teatrais, ou ainda outros tipos de jogos começa a se fortalecer, principalmente com a expansão do teatro, após a LDB em 1971, já que se passa a considerar a sua importância para a educação do nosso país. Vale ressaltar que a educação em teatro ganhou força na história do país, a partir dessa mudança.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, “a participação em jogos de grupo também representa uma conquista cognitiva, emocional, moral e social para o estudante e um estímulo para o desenvolvimento de suas competências” (BRASIL, 1998, p.47).

O que também se faz importante, é que o professor compreenda e analise essas competências que podem ser desenvolvidas por meio do teatro para bem utilizá-las:

A compreensão do aluno, o autocontrole e o respeito por si próprio, além da facilidade de construir uma estratégia vencedora, levantar hipóteses e o aumento da capacidade comunicativa são aspectos que o professor pode analisar e avaliar. (BRASIL, 1998, p.42).

Devo salientar a importância do professor em relação às aulas utilizando jogos, pois muito do sucesso da aula dependerá do desempenho do professor na sala de aula. O mesmo precisa estar tranquilo, saber se comunicar, e principalmente se entrosar com os alunos para que se sintam estimulados a participar, tornando a aula mais dinâmica e convidativa.

Um ponto muito interessante é o valor que o professor do teatro tem e seu grande empenho em buscar utilizar os jogos e atividades lúdicas diversas que atendam as necessidades dos alunos e os prepare não só para o mercado de trabalho, como para a vida. Através das atividades lúdicas, que são primordiais para o trabalho com o teatro, o aluno é tratado como sujeito de sua própria história.

Para Kishimoto (2006), é possível identificar duas funções de aprendizagem no jogo: a lúdica e a educativa. Como função lúdica, entende-se aquela que propicia a diversão, prazer ou até desprazer, acreditamos ainda que através de atividades mais dinâmicas o aprendizado se dá de forma mais fácil. “Já a função educativa faz com que o lúdico auxilie o aluno a completar seus saberes, sua apreensão de mundo” (KISHIMOTO, 2006, p.20).

Rizzi e Haydt (1994, p.13-14) citam que existem quatro motivos fundamentais para se trabalhar com os jogos na educação, sejam teatrais, simbólicos, cooperativos ou educativos.

- O jogo corresponde a um impulso natural, é uma tendência Lúdica.

- O jogo é prazer, pois sua primeira característica é a capacidade de absorver o jogador de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo, mas ao mesmo tempo em que vai canalizando as energias no sentido de um esforço total para a consecução de seu objetivo.
- A situação do jogo mobiliza os esquemas mentais sendo uma atividade física e mental, o jogo aciona e ativa as funções psiconeurológicas.
- O quarto motivo é como os anteriores, pois o jogo integra as várias dimensões da personalidade afetiva, motora e cognitiva.

Algo que não pode ser esquecido é o fato de que cabe ao educador a escolha dos jogos para seus alunos, levando em conta níveis de interesse, idade dos participantes, adequação dos conteúdos, os temas a serem estudados, e principalmente se as regras ficaram claras.

Considerando os motivos listados acima, os jogos são realmente bons elementos para ensinar muitas coisas importantes, como trabalhar em grupo, que também é algo muito significativo para a linguagem teatral, fortalecendo os educandos para os obstáculos que permeiam nossas vidas e mecanismo para vencê-los.

Por isso, creio que o trabalho com o teatro através dos jogos é um elemento fundamental para o trabalho pedagógico, pois a utilização dos jogos na sala de aula, promove aprendizado de forma agradável e instigante, onde não só os jogos se fazem importante, mas também a postura dos alunos. O professor deve estar atento à escolha e aplicação dos mesmos, para que o resultado seja alcançado, haja vista que escolhas impensadas também podem gerar situações pouco positivas, como o não entendimento das regras, acanhamento por parte de alguns alunos. Cabe ao facilitador repensar essas atividades, utilizando variantes quando necessário, intervindo durante a execução das oficinas e dos jogos teatrais.

A arte-educação se fez presente em minha vida desde os tempos de criança, quando tive a oportunidade de estudar na mesma escola em que trabalho e na qual apliquei as oficinas da presente pesquisa. Na época, a escola era administrada por freiras. Praticávamos brincadeiras como amarelinha, roda, esconde-esconde, que nos trazem saudade quando são recordadas. Hoje em dia, a realidade é outra, as crianças brincam de outras coisas e se adaptam a outros espaços. Descrevo agora, um pouco do contexto da instituição atualmente.

### 1.3 O Contexto da Instituição Pesquisada

Em conversa com Frei Paolino Baldasari<sup>2</sup>, descobri que, no dia 14 de novembro de 1921, chegaram a Sena Madureira as irmãs servas de Maria Reparadoras, que vieram em missão da Itália. As irmãs iniciaram as atividades pastorais e educacionais no então Colégio Santa Juliana Falconiere, onde as internas tinham aulas de bordado, corte e costura, catequese, em um prédio de paxiúba (palmeira da Amazônia, também conhecida com castiçal) improvisado para começarem os trabalhos.

Em junho de 1924, foi solenemente inaugurado o novo prédio do Colégio Santa Juliana, presenciaram o ato as autoridades civis e militares da cidade e um número expressivo de pessoas. No colégio se ensinava a ler, escrever, aritmética, geografia, geometria, piano, bandolim e até datilografia. No campo dos trabalhos considerados pela escola como femininos, havia costura, bordado, desenho e pintura. Os alunos do sexo masculino tinham acesso somente às disciplinas de leitura, escrita, aritmética, geografia, geometria, piano, bandolim e datilografia.

Tive a oportunidade de estudar neste colégio com minhas três irmãs e dois irmãos, ainda na época das irmãs servas de Maria. Devo a isso meu fascínio pela arte-educação, que era tão presente em nossas vidas, através dos jogos durante o recreio, do coral e das aulas de pintura, bem como do grande talento das irmãs com quem aprendíamos muito naqueles anos de missão na nossa cidade.

Muitos anos depois, o colégio passa a ser alugado pelo governo e atender toda a comunidade sena madureirense. Desta vez, tenho a oportunidade de trabalhar lecionando a disciplina de Artes, a concretização de um sonho. Comecei a trabalhar na instituição no ano de 2007, primeiro lecionei Religião, em seguida Ciências e neste ano, comecei a atuar na disciplina de Artes, do 6º ao 9º ano. Procuro trabalhar Teatro, Dança, Artes Visuais e Música.

O Instituto Santa Juliana é atualmente dirigido pela gestora Arturiete Gonçalves, possui aproximadamente mil alunos, funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, e vem contribuindo significativamente para a educação de crianças e adolescentes, sendo ainda hoje, referência no município.

As turmas possuem em média 30 alunos, com os quais, diariamente, procuro trabalhar para desenvolver amor e interesse pela arte. Escolhi o 6º ano para esta

---

<sup>2</sup> Frei Paolino Maria Baldassari é um missionário Italiano, com mais de 50 anos de profissão e grande trabalho prestado ao município de Sena Madureira, aos povos da floresta e as comunidades ribeirinhas, seu trabalho já lhe rendeu inclusive o título de doutor Honoris Causa e indicação ao prêmio Nobel da Paz, o mesmo é o vigário da paróquia local.

pesquisa, por se tratar de alunos que estão estudando a disciplina de Artes pela primeira vez e têm demonstrado grande contentamento e disposição em aprender.

O que mais me impulsiona em relação ao ensino da arte, foi o que me ocorreu certa vez numa experiência vivenciada no interior da escola Santa Juliana que me fez repensar muito a minha prática e, a cada dia, dar o melhor de mim. Em um planejamento de começo de ano letivo onde nos encontramos para decidir assuntos pertinentes aos educandos e planejarmos nossas aulas, sofri um grande preconceito por parte de uma professora. A Coordenadora apontava metas a atingir, principalmente no ensino de português e matemática e pedia para centralizarmos na leitura, interpretação e produção de texto, explicando que nossos alunos estavam com sérios problemas, chegavam ao 9º ano lendo e escrevendo mal, sem saber tabuada e fazer contas. Foi neste momento que ela pediu que todos os professores, de matérias distintas, focassem na produção de gêneros textuais, principalmente os professores “daquelas” matérias.

Perguntei-me quais matérias seriam essas. E uma professora não hesitou em complementar: Religião, Educação Física, Artes. Melhor do que entrar em uma discussão, apenas ignorei o fato, por entender que aquela professora não tem o conhecimento necessário para saber que o teatro é experiência de vida, que a arte é produto cultural, que a criação artística é uma das melhores experiências que um educando pode ter em termos de desenvolvimento pessoal e social. Ora, a professora é do tempo em que qualquer pessoa, de qualquer área, “criativa” e “habilidosa”, poderia ser professora de artes.

No final do planejamento, a coordenadora nos entregou um texto e pediu a ajuda de algum professor para fazer a leitura em voz alta, me ofereci, foi então que pude desabafar, o texto tratava de uma escola com baixos índices, evasão escolar, sem recursos, uma instituição que já não tinha perspectivas de mudança, de repente uma arte educadora chega à instituição para renovar a vida de cada aluno, para incentivar práticas lúdicas, dinâmicas que viessem a chamar a atenção dos mesmos, para práticas que os levasse a se empenhar e a procurar uma postura nova diante da vida.

Reconheço os avanços que a educação, em especial a arte educação, já viveu em nosso país, mas também acredito que olhando para o interior de nossas escolas muito ainda tem a ser feito. É necessário ampliar conscientização e reconhecimento a longo prazo, através de uma mudança que começa pelos educadores preparados e formados na área até o reconhecimento pelos alunos que irão passar de geração em geração. Enquanto nossas autoridades não assumirem a responsabilidade de olhar para a

educação reconhecendo o valor da arte na formação não só de artista mas de todos os cidadãos e investirem pesado nisso, não teremos dias melhores, mas tenho esperança que as mudanças vão acontecer, já estão acontecendo.

## **2. A REALIZAÇÃO DO PROJETO**

### **2.1 As Oficinas Aplicadas**

Realizei oito oficinas, quatro delas foram aplicadas em 2012 e outras quatro em 2014, para que eu pudesse coletar mais dados e viver mais algumas experiências que pudessem me ajudar na pesquisa e enriquecimento do trabalho em questão. Apenas as quatro aplicações da pesquisa de 2012 não eram suficientes para colher os dados da pesquisa e mesmo assim só foi possível aplicar mais quatro oficinas haja vista a agenda da escola, fechamento de notas, formações de professores, festividades do município, feira de conhecimento, entre outros compromissos.

Cada oficina possuía uma hora de duração, vários jogos teatrais foram realizados, despertando prazer e vontade de participar nos alunos, sendo praticados mostrando habilidades aplicáveis à vida cotidiana e o despertar de sensações como alegria, satisfação, euforia, por meio de uma nova aprendizagem.

Os jogos escolhidos para a realização destas oficinas estavam de acordo com a faixa etária dos alunos e nossas possibilidades haja vista que o espaço que tínhamos era a sala de aula, entre mesas, cadeiras e sem ar-condicionado, numa cidade com elevadas temperaturas. Mesmo assim, as atividades ocorreram da melhor maneira, envolvendo todos os alunos e sem causar dano à segurança dos mesmos.

Mesmo que os jogos teatrais tenham seu valor reconhecido, algumas pessoas ainda demonstram um estranhamento quando escutam o termo jogos teatrais. Jogos remetem a brincadeira, e a educação em teatro a coisa séria. Huizinga (1980) dizia que a criança brinca na mais perfeita seriedade. Por isso, o propósito destes jogos também é trabalhar atenção, memória, confiança, imaginação e percepção, aspectos trabalhados com seriedade, mas sem perder a ludicidade, referentes à educação e desenvolvimento do ser humano. Na Linguagem Teatral os jogos são muito usados para a preparação do ator em todos os aspectos, o que não impede que seu uso tenha outras finalidades, mas principalmente para o ofício de ator os jogos. Algumas das habilidades que os jogos teatrais ajudam o ator a desenvolver são a expressão corporal, a postura, o equilíbrio, o corpo no espaço, a utilização do espaço, volume vocal, ritmo, atenção, entre outros.

Com o desenvolvimento da vida social, o pré-adolescente passa por uma fase muito peculiar, onde está construindo sua identidade e olhando e refletindo sobre o mundo a todo momento, questionando e vivenciando diversas experiências, o teatro proporciona experiências coletivas que ajudam a construir valores e resignificar a sua vida. Neste momento, o adolescente vive uma grande busca pela construção de sua personalidade, está passando por transformação e reflexão. Por isso, acreditamos que vivenciar o teatro nesta fase pode ser de grande valor. Sobre a experiência teatral, Ferreira aponta:

O teatro, por ser uma atividade que envolve um grupo de pessoas, mesmo quando realizado de forma amadora, mantém essa característica do coletivo, acaba atraindo jovens que, por diversos motivos, buscam nesse meio de expressão compartilhar percepções, opiniões, vivências. (FERREIRA, 2001, p.126)

Os alunos da escola Santa Juliana puderam, ao longo dessas oficinas, conhecer e desenvolver alguns jogos de Augusto Boal, da obra *200 Exercícios e Jogos Para o Ator e o Não-Ator*. O movimento, exercícios e possibilidades corporais presentes nos jogos conquistaram os alunos, que experimentaram cada jogo de maneira a permitir a liberdade dos movimentos sem se recusar a desenvolver o que era proposto.

Trabalhar o teatro na escola Santa Juliana, a cada dia, tem se mostrado mais eficaz, sendo possível comprovar os resultados e avanços na vida de educandos que são conquistados pelo fazer teatral.

Sobre os objetivos do ensino do Teatro, Sueli Ferreira aponta: “Na escola, o teatro não tem por objetivo profissionalizar o ator, mas proporcionar ao aluno a vivência dessa linguagem artística, para que ele possa conhece-la e ter subsídios suficientes para integrá-la a seu universo cultural” (FERREIRA, 2001, p.127). Trabalhar o teatro na escola não significa incentivar novos atores, e sim expandir o repertório cultural dos alunos, melhorar o desempenho escolar, propiciar o fazer poético e desenvolver habilidades cognitivas.

Em seu livro *200 Exercícios e Jogos para o Ator e para o Não-ator*, Boal (1992) nos apresentou magníficos exercícios e jogos que podem ser aplicados para que o indivíduo se reconheça como cidadão, saindo da situação de espectador e assumindo a condição de ator de sua própria história.

Em nossas oficinas, ao final de cada jogo se fazia necessário conversar sobre os objetivos, o que foi trabalhado e alcançado. Com facilidade, os alunos iam

compartilhando o que sentiram, diziam gostar bastante e, em alguns momentos, controlar as gargalhadas era algo quase impossível. Em outros momentos, os alunos refletiam sobre algumas situações e socializavam quando solicitado. Procurei utilizar jogos que condissessem com a faixa etária com a qual estava trabalhando, e creio que consegui. A dança das cadeiras, o espelho, a dança da maçã, entre outros eram jogos já conhecidos pelos alunos, mas os mesmos não tinha noção de onde vinham esses jogos, para que se utilizava, entre outras informações sobre as quais conversamos bastante.

Um aspecto bastante importante que observei é que meninos e meninas sentavam em lugares separados, interagiam pouco na sala de aula, numa espécie de lado “a” e lado “b”, isso foi rompido durante as oficinas, eles interagiam muito. Sobre as sensações vivenciadas no teatro Boal aponta:

No palco tudo se permite nada se proíbe: desejos inaceitáveis, comportamentos proibidos, sentimentos malsãos. Os diabos e os santos da pessoa do ator têm plena liberdade de se expandirem, de viverem o orgasmo do espetáculo, de se transformarem de potência em ato... Os atores provocam o leão com a vara curta. Suas personalidades sadias vão buscar, em suas pessoas, enfermos e delinquentes. Isso com a esperança de outra vez enclaustrá-los depois que baixe o pano. E na melhor das hipóteses, conseguem. E, conseguindo, sofrem – ou gozam?! (BOAL, 1992, p. 51 e 52)

Conforme mencionado anteriormente, as oficinas aconteceram parte em 2012 e outra em 2014, oito oficinas no total, e cada encontro tinha um hora de duração.

Na primeira oficina, foi realizada uma roda de conversa onde os alunos foram organizados em círculo e debatemos sobre o conhecimento prévio dos mesmos sobre os jogos e o teatro e a aplicação de um questionário simples, que visava coletar dados sobre a vivência pessoal de cada um e que trazia questões como, do que eles costumavam brincar, qual a brincadeira que mais gostam, se já tinham ouvido falar em jogos teatrais e se já assistiram a uma peça de teatro. A aula ocorreu de forma tranquila, de modo que todos os alunos participaram ativamente ajudando-me na execução deste trabalho, começamos apenas com uma conversa e apresentação.





Realizando o jogo O Demônio.

Na segunda oficina, foram realizados os jogos, “O Demônio”, “O Espelho” e “A Dança das cadeiras”. A turma mais uma vez participou das atividades e ainda questionou sobre a existência desses jogos, expondo que já conheciam e já praticaram na escola, mas não sabiam se tratar de um jogo utilizado na obra de Boal. Aproveitei esta aula para falar de Augusto Boal, pois acredito que quando os alunos passam a saber quem é o autor da proposta, passam a adquirir mais saberes e de repente se interessam por buscar mais sobre o assunto. Estes jogos visavam trabalhar a percepção, a expressão corporal e a concentração, fatores importantes em todos os aspectos da vida, que são elementos que dão vida também ao teatro.

Na terceira oficina, foram realizados os jogos “Quais as cinco diferenças”, “Jogo de bola (imaginário)”, “Panela de pressão” e “Massagem de costas”. A motivação para realizar esses jogos veio da necessidade dos alunos compreenderem a importância de se trabalhar em grupo, quebrar preconceitos e aceitar as diferenças. O teatro é uma arte grupal, assim, fortalecendo esses valores, estávamos também trabalhando com saberes importantes para o aprendizado de teatro.



Realizando o Jogo Panela de Pressão.

Na quarta oficina, os jogos “Ondas do mar”, “Dança com maçãs”, “O caranguejo” e “O macaco”, satisfizeram os participantes que, mais uma vez, participaram ativamente, realizando descobertas sobre o mundo, sobre si e sobre os outros, enriquecendo seu universo cognitivo e explorando múltiplas possibilidades de ação.

Na quinta oficina, os jogos “Andar de quatro”, “Passo do elefante” e “Passo do canguru”, trabalharam o espaço, a expressão corporal e proporcionaram a experimentação de possibilidades de ação e reação ao mundo que os cerca, descobrindo a si mesmos, rompendo barreiras, interagindo com todos, sejam meninos ou meninas, arrancando gargalhadas e com certeza satisfazendo os educandos.

Na sexta oficina, fizemos um jogo que demorou toda a aula, Máscaras, onde formamos duplas, e cada dupla iria improvisar uma situação e encenar para o restante da turma, em seguida trocava-se os papéis e iniciava-se outra estória, tivemos estória muito engraçadas, de mãe e filho, de professor e aluno, amigos, marido e mulher, as crianças puderam dar asas à imaginação.

Na sétima oficina, conversei um pouco sobre vida e obra de Augusto Boal, creio que isso se fazia extremamente necessário tendo em vista seu grande legado para o teatro brasileiro, e porque todos os jogos que utilizei são de sua obra. As crianças dedicaram bastante atenção a tudo que foi dito. Pedi que quem pudesse realizar uma pesquisa chegando em casa, o fizesse para que dessa forma ele não fosse esquecido pelos alunos.

Na oitava oficina, fizemos uma recapitulação de alguns jogos realizados, tanto em 2012 como em 2014, repetindo-os, formando novas duplas, experimentando novamente, e fazendo uma nova reflexão e socialização das experiências vividas.

Durante as conversas, o valor dos jogos teatrais mais uma vez ficou evidente, devido ao êxito alcançado pelo aspecto mágico da atividade lúdica, fonte de prazer e emoção para os participantes que, mesmo tímidos, se dispuseram a adentrar nesse mundo, cada um a sua maneira.

Um ponto negativo é que sendo o teatro uma prática dinâmica, onde os alunos, correm, pulam, caminham, suam e transpiram, exercitam tanto a mente como todas as partes do corpo, se faz necessário um espaço apropriado para o exercício do teatro. As escolas deste município, no geral, não possuem este espaço, as oficinas aconteceram nas salas de aula, cheias de cadeiras, mesa, mochilas, sem ar-condicionado e ventiladores, minimizando a possibilidade de conforto e melhores resultados em exercício de imaginação, por exemplo.



Realizando o jogo O Macaco.

Como as oficinas aconteciam sempre às sextas-feiras em 2012, no último horário do turno de aula, todos os dias, antes de começar, era necessário varrer e retirar o lixo para que as crianças pudessem utilizar o espaço, já em 2014, aconteciam às segundas-feiras, o que minimizou esse problema.

Observei que este último problema se dá pela falta de consciência das crianças, que mesmo sabendo da aula que iriam ter, sujavam a sala, e continuam a fazer durante todo ano letivo, esta é uma situação preocupante, onde a conscientização deve ser trabalhada, procurei deixar essa sugestão a eles. Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam que:

Compete à escola oferecer um espaço para a realização dessa atividade, um espaço mais livre e flexível para que a criança possa ordenar-se de acordo com a sua criação. Deve ainda oferecer material básico, embora os alunos geralmente se empenhem em pesquisar e coletar materiais adequados para as suas encenações.(BRASIL,1997, p.85)

A escola em que trabalho e na qual apliquei as oficinas não dispõe de um espaço físico para a realização de aulas de teatro. Antigamente a escola possuía este espaço, mas após uma reforma este lugar, que era chamado de salão de reuniões, se transformou em um almoxarifado e o pátio da escola foi demolido para dar lugar a outras salas de aula. Desta forma, acredito que as atividades teatrais na escola ficam comprometidas, pois necessitam de um espaço físico adequado.

Não dispor disso torna todas as ações dos professores de arte mais difíceis, haja vista que são muitas as dificuldades, os alunos também não possuem livro didático da matéria de educação artística, e para toda e qualquer atividade mais diferenciada eles mesmos compram o material necessário, sendo necessário muitas vezes também tirarmos xerox dos assuntos a serem trabalhados. Isso reforça o que já foi comentado antes, sobre a pouca valorização da disciplina de Artes/Teatro.

Creio que minha função, antes de tudo, é ajudar a despertar o interesse pela arte. É por isso que cada oficina foi pensada e repensada antes de sua execução. Compreendo que muitos avanços ocorrem até o presente momento na educação artística, mas só quando todos considerarmos a arte como área do conhecimento de fato, nós educadores em arte estaremos desempenhando um papel mais ativo na sociedade. Por isso, para que se reconheça a importância da arte e sua utilização na escola, Sueli Ferreira alerta para o fato de que “a escola que oferece uma vivência teatral aos alunos proporciona, acima de tudo, um aprendizado humano, em que o indivíduo, pela prática da representação, expõe e confronta seu mundo com o mundo que o rodeia” (FERREIRA, 2001, p.121).

Não é à toa o teatro é uma das manifestações artísticas mais antigas do homem. Está na nossa natureza representar. E começamos desde cedo. Ainda crianças sempre estamos representando, improvisando, imaginando, criando do personagem ao figurino.

Acredito que o teatro faz parte de nós. Ao conversar sobre isso com os alunos todos concordaram e relataram momentos em que isso aconteceu, essa consciência da importância do teatro foi uma das minhas conquistas ao longo dessas oficinas.

Acredito que os alunos tiveram grandes conquistas, como mostrar iniciativa, confiar no colega, expor suas ideias no grupo, perder a timidez para cantar e dançar, imitar pessoas, exercitar o raciocínio rapidamente, entrosar com colegas mais distantes e reproduzir sua realidade artisticamente.

## **2.2 A responsabilidade do professor de Teatro**

A execução deste projeto me fez refletir sobre um ponto muito importante, a responsabilidade do professor de teatro nessa busca pelo espaço que esta linguagem tanto precisa, procurando proporcionar experiências teatrais, educar e preparar para a vida. Um aspecto muito relevante deste trabalho é a possibilidade de trabalhar noções como valor, dignidade e respeito às diferenças.

O teatro com base nos jogos de Augusto Boal valoriza o indivíduo sem distinção de raça, sexo, cor, religião, onde todos são visto com honra e respeito, convidados a vivenciar práticas teatrais libertadoras, onde todos merecem consideração e chance na vida. Devemos deixar claro aos alunos que podemos discordar dos ideais e preferências dos outros, mas sem oprimir e agredir ninguém. Boal nos deixou um legado muito relevante não só em suas obras, mas em seus ideais: tomar posição ativa contra as mais variadas formas de opressão.

Atualmente, o público alvo da escola Instituto Santa Juliana em sua maioria são pré-adolescentes em situação de risco social e pessoal, vindo de bairros vulneráveis, famílias de baixa renda, que na realidade não conseguem oferecer aos filhos acompanhamento nas questões escolares.

Tenho observado que a realidade de muitos lares brasileiros é que um pai de família para atender às necessidades básicas de seus filhos tem procurado trabalhar até jornadas duplas para garantir a sobrevivência. Alguns alunos são criados apenas pelas mães ou, em alguns casos, pelos avós, pessoas que na época da escola também passaram por dificuldades e hoje não conseguem auxiliar os filhos na execução de suas tarefas, nem compreendem o conhecimento artístico como uma necessidade dos indivíduos.

Se a sociedade continuar a considerar o ensino da arte como supérfluo, os avanços do teatro como área do conhecimento serão mínimos, por isso, nós arte-educadores precisamos ajudar a reverter esta situação. Isso só será possível quando nossa prática pedagógica realmente criar oportunidades com experiências que efetivem na prática o que a arte propõe, só assim se dará uma significativa mudança no ensino da arte, onde o docente, em uma convivência democrática, conquista o aluno para prática teatral e para se tornar consciente de seu papel no mundo em que vive, atua.

O teatro é uma arte grupal, viva, e a escola é um espaço privilegiado para a iniciação desta prática. Precisamos de poucos recursos para que ela ocorra, espaço adequado, respeito por parte do corpo docente da escola, professores capacitados e praticantes. Infelizmente não pude contar com estes recursos, mas adaptei o trabalho da melhor forma, varrendo a sala antes das oficinas, afastando cadeiras, ligando o ventilador, abrindo janelas, fazendo o que era possível para que o ambiente fosse propício.



Conhecendo o espaço e aquecendo para os jogos.

## CONCLUSÃO

Mediante a execução do projeto, pude perceber o quanto estou crescendo como arte-educadora e como posso relacionar teoria e prática em nossa atuação no cenário educativo, transmitindo nossos valores e amor pelo que fazemos. Ao longo destas oficinas, ao trabalhar cada jogo com os educandos da escola Instituto Santa Juliana, na medida em que os jogos eram compreendidos e os alunos se dispuseram a fazer, eu passava a entender o quanto o teatro pode conquistar até as pessoas mais reclusas e tímidas, pois nenhum aluno se recusou a participar e, na medida em que os dias iam se passando, cada vez ficavam mais claras as contribuições do ensino do teatro por meio dos jogos.

As principais contribuições identificadas foram a melhoria da autoestima da criança e da capacidade de expor suas próprias ideias para transformá-las em comunicação artística. Os alunos também ficaram mais seguros, perderam a timidez, melhoraram a voz, ganharam confiança para falar em público, algo muito difícil de ser trabalhado na escola na hora da apresentação de trabalhos, por exemplo.

Cada jogo foi escolhido levando-se em conta a faixa etária dos alunos, sua vivência, os conhecimentos prévios adquiridos por mim nas rodas de conversa. Este foi um dos motivos da possibilidade de dar certo só aumentar a cada dia, pois todas as atividades foram preparadas para que fosse ampliado o interesse pelo teatro e se desse a propagação desta arte.

Creio que obtive êxito, pois os resultados das oficinas foram bastante significativos, em momento algum foi difícil à compreensão dos jogos ou houve resistência em participar. O conhecimento foi construído junto com eles.

Os alunos, ao longo das oficinas, aprenderam a respeitar as regras, desenvolver o espírito da coletividade, valorizar o convívio social, estimular a imaginação e principalmente a conhecer melhor a linguagem teatral por meio dos jogos de Augusto Boal.

O trabalho com jogos teatrais buscou, entre outras coisas, o envolvimento dos alunos, a construção de laços de amizade, e trabalhar habilidades como o uso do corpo e da mente, já que várias sensações foram vividas pelos alunos que simplesmente se entregaram de corpo e alma para os jogos.

Jogos como o Jogo de Massagem de Costas proporcionaram um contato muito próximo entre os alunos. Nele foram trabalhados o relaxamento do corpo, o respeito e a quebra de pré-conceitos existentes nesta faixa etária entre meninos e meninas.

Devo dizer que em, alguns momentos, era difícil controlar a excitação, as conversas paralelas, risadas excessivas entre outras coisas que acontecem no ambiente escolar que dificultam as aulas, porém, o trabalho com o teatro oferece muitas outras conquistas, vai envolvendo todos os alunos. Quando você vê, é difícil parar. Todos exigem participar e os problemas que eventualmente acontecem se tornam muito pequenos.

Diante do exposto, considero a realização deste trabalho uma grande vitória no que diz respeito as minhas experiências como arte-educadora que sou, e arte-educadora que pretendo ser, ajudando a educação do meu município, o fortalecimento da cultura e o interesse pelo teatro, que é um dos motivos de estarmos aqui.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana. Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Max Limonad, 2002.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria do Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das Artes**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

HUINZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

JAPIASSU, Ricardo O. V. “**Repensando o ensino de arte na educação escolar básica: projeto oficinas de criação**” . *Revista de Educação do Ceap*, Ano 4, n.12. 1996. p.42-8.

JESUÍTAS. **Inácio de Loyola**. Disponível em: <http://www.jesuitas.com.br>. Acesso em: 10 out. 2012.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

RIZZI, L.; Haydt, R. C. **Atividades Lúdicas na educação da criança**. São Paulo: Ática, 1994.

SPOLIN, Viola. **O Fichário de Viola Spolin**. Ed: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.